

Editorial

8 DE MARÇO: HONRAR AS LUTAS DAS MULHERES E ENFRENTAR DESAFIOS ATUAIS

Elizabethe Cristina Fagundes de Souza

Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

<https://orcid.org/0000-0001-6283-2759>

betcris2013@gmail.com

Texto produzido para o evento em homenagem ao Dia Internacional das Mulheres promovido pelo Conselho Regional de Odontologia do Rio Grande do Norte - CRO/RN, em Natal, 12/03/25.

O dia 8 de março é internacionalmente considerado um dia para reconhecer as lutas e as conquistas que nós mulheres e toda a sociedade tivemos, fruto do empenho e ousadia daquelas que nos antecederam. Essas lutas existiram desde antes do reconhecimento desse dia internacional pela ONU, em meados dos anos 1970.

Honremos, pois, as mulheres que nos antecederam ao longo dos séculos. Cabe-nos aprender com o legado de nossas ancestrais e anciãs, e agradecer a elas os caminhos abertos que permitiram conquistarmos direitos com as lutas por uma sociedade justa e sem desigualdades de gênero ou de qualquer justificativa que inferiorize alguém por sua condição de existência – cor da pele, raça-etnia, orientação sexual, religião, nacionalidade ou quaisquer condições humanas e sociais. Sabemos que muitas dessas conquistas estão incompletas e ainda por se efetivar.

Reconhecemos que, entre a letra da lei e a efetivação concreta de direitos conquistados, há batalhas diárias contínuas, pois nossas lutas específicas sempre estiveram e continuam articuladas às lutas sociais que se atualizam no tempo histórico e se ampliam a cada direito conquistado.

Para as mulheres que nos antecederam, o nosso agradecimento maior é manter viva a memória de suas lutas e atualizá-las frente aos novos desafios. O 8 de Março é, portanto, um dia também para lembrarmos as batalhas que ainda se fazem necessárias para que nós e as futuras gerações possamos viver em um mundo sem violências e feminicídios, com visibilização da importância das mulheres, com mais justiça social e igualdade de direitos e oportunidades entre os gêneros.

Essa é uma luta de toda a sociedade - das mulheres e de todas as pessoas que defendem justiça social e democracia.

A pauta de lutas feminista é vasta e, aqui, nesse espaço curto de tempo, convido vocês a uma breve reflexão sobre o tema do cuidado. O Estado liberal privatizou a tarefa de cuidar e se desobrigou de seu dever social. Individualizou-a e a delegou à família, em especial, à responsabilidade das mulheres. Em consequência e com o reforço da cultura patriarcal, subalternizou e invisibilizou socialmente as mulheres e

seus direitos, imputando a nós o cuidado como um atributo biológico feminino natural em vez de uma construção cultural, deixando de reconhecê-lo como necessidade e responsabilidade coletivas a se constituírem como direitos assegurados por políticas públicas¹. Essa sobrecarga de cuidados atribuída a todas as mulheres, independentemente de sua classe social, com a casa, com os filhos, maridos e companheiros, familiares em geral – pessoas idosas, doentes e com deficiência, e em todas as tarefas que exigem maior dedicação, paciência e sensibilidade, torna-se uma maior sobrecarga para aquelas mulheres submetidas a condições de vida cujas oportunidades de trabalho são restritas. Elas, em sua maioria, estão subempregadas e, geralmente, com a obrigação de cuidar das casas, filhos e familiares de outras pessoas para garantir o sustento de seus filhos, privando-os da atenção necessária a toda e qualquer criança. São mulheres que precisam trabalhar fora de casa sem ter assegurado os direitos individuais e sociais satisfatoriamente como deveriam ter – creche, escola em tempo integral, licença parental e, muitas vezes, são mãe solo, porque ainda há em nossa sociedade homens que não se responsabilizam por suas crias.

Então devemos nomear esse dia como Dia Internacional das Mulheres, no plural sim, para realçar a pluralidade que nos constitui como sociedade diversa, mas sobretudo desigual política e economicamente, alimentada por uma cultura patriarcal e machista, esta que atravessa todas as relações sociais. Isso nos leva a defender que a solidariedade seja um valor e uma arma comum em nossas batalhas (e não aquela competitividade tóxica que nos ensinaram). É preciso reconhecer que as desigualdades e a não garantia de direitos sociais oprimem algumas em razão de privilégios de outras (fato na maioria das vezes considerado erroneamente de meritocracia).

Gostaria ainda de convidar vocês para uma reflexão, também muito rápida, sobre o papel das mulheres trabalhadoras em saúde bucal quanto à dimensão cuidadora em que estão colocadas as novas demandas dessa área específica: o dever ético-político com a afirmação da vida e bem-estar integral que deve ser próprio a qualquer profissão de saúde. Nas práticas de Saúde Bucal, novas demandas se abrem à medida que o Estado brasileiro incorporou reivindicações dos movimentos sociais para garantir o direito à saúde de forma universal, integral e equânime. Tais conquistas demandaram e demandam ampliar o cuidado em saúde bucal às respostas a outros agravos e doenças não bucais, especificamente, mas em que a boca como território corporal inserido no mundo social deve ser considerada nos corpos a serem cuidados de forma integral.

Entre essas tantas demandas, destaco uma que considero exemplar para o corpo feminino porque, historicamente, o corpo da mulher tem sido afetado pela exigência estética de beleza padronizada. Ocorre-me uma pergunta: o que seria um “bom cuidado” na prática odontológica para se imprimir aquilo que é efetivamente sensível e belo como estética bucal-facial? Deixo a responsabilidade das respostas em aberto às novas gerações de profissionais. E arrisco aqui algumas reflexões para contribuir ao pensamento crítico.

Os tempos atuais, mais que nunca, exigem a contraposição das mulheres trabalhadoras da saúde bucal aos padrões impostos pelo Mercado. Este promete beleza e juventude e, muitas vezes, as entregas feitas produzem iatrogenias e resultam

em deformação facial decorrente do uso padronizado e acrítico de inovações tecnológicas, desconfigurando a beleza autêntica que existe na diversidade de nossos corpos, em todas as idades. Importante lembrar que a cultura patriarcal buscou e ainda busca colocar o corpo da mulher em um lugar idealizado e padronizado para consumo individual e coletivo de uma sociedade machista e consumista, transformando-nos muitas vezes em objetos desejados e desejantes, correspondendo mais aos interesses do Mercado e menos aos valores éticos e às necessidades humanas. Acolher o avanço tecnológico é necessário, bem-vindo e salutar, sim, quando produz bem-estar e saúde - individual e social.

Portanto exige de nós, profissionais e sociedade, conhecimentos com capacidade crítica para se fazer escolhas sensatas de boas práticas que afirmem a vida na sua beleza genuína, autêntica e diversa. Sabemos que as escolhas realizadas por profissionais de saúde - desde uma cor de dente a quaisquer técnicas estéticas ou cosméticas - produzem efeitos nos corpos e nas subjetividades de quem é cuidado. As boas práticas devem perseguir efeitos benéficos e, sobretudo, evitar consequências deletérias, imediatas ou a posteriori.

Nesses tempos fluidos de artifícios e filtros digitais, presentes em nosso cotidiano, a promessa do que seria ideal de beleza, juventude e saúde quando não alcançada parece contribuir para as estatísticas de transtornos mentais de mulheres de todas as idades, como a ansiedade que já é percebida como doença social. A cada dia também vemos, na mídia, casos de intervenções malsucedidas que parecem isolados, mas podem ser indícios de práticas que precisam ser investigadas também em estudos científicos. Precisamos ainda interrogar correlações entre as intervenções estéticas e os efeitos produzidos na saúde mental e nos corpos das mulheres quanto ao fenômeno da artificialização da vida e da autoimagem. Identificamos que o ideal postado no virtual se apresenta cada vez mais distante da vida realizada, porque os filtros não se materializam nos corpos concretos que encontramos no mundo presencial.

No que tange aos tratamentos estéticos da moda, a tão propalada harmonização facial parece-me ser um dos desafios atuais para as trabalhadoras em saúde bucal e, ao mesmo tempo, um apelo a sua responsabilidade social para contribuírem, com o senso estético de beleza e a sensibilidade criativa, para que a sociedade aprenda a construir seus próprios referenciais estéticos e possa recuperar a capacidade crítica de fazer escolhas tecnológicas que resguardecem o valor do belo genuíno e autêntico, que preserve as características da nossa cultura, da natureza e da diversidade humanas, em recusa aos padrões estéticos “de uma métrica só” impostos pelo Mercado. Sabemos que esse é apenas um entre tantos os desafios que se colocam para as atuais gerações de profissionais. E reconheço ser esse um desafio que exige resposta complexa entre as questões que afetam à saúde das mulheres, sobretudo porque, historicamente, temos sido cobradas e induzidas socialmente a ter corpos perfeitos segundo a régua mercadológica de cada momento. Fica aqui essa breve reflexão que é também uma auto provocação para exercitar o pensamento crítico como profissional de saúde e mulher cidadã.

Ao longo da história, as lutas das mulheres têm nos libertado a todas e, por conseguinte, melhorado a sociedade em que vivemos. Mesmo que ainda tenhamos muito a conquistar, hoje já podemos afirmar ser o que quisermos ser e estar onde

quisermos estar, mesmo que isso algumas vezes ainda seja motivo de violências contra nós. Aprendemos que a luta é permanente na história e que “só a luta muda a vida social”, como assim nos ensina o movimento das populações em situação de rua.

Cuidemos então das lutas de todas nós. Destaco uma tarefa individual e social a nos convocar nesses tempos desafiadores: aprender a cuidar para um bem viver individual e coletivo de convivência saudável e solidária com inclusão das nossas diversidades e diferenças humanas, de forma integrada a outros seres vivos e protegendo a Mãe Terra que nos nutre. Por mais difícil que seja, esse é um desafio dos tempos atuais que me suscita a recordar para as novas gerações um dos slogans do movimento estudantil de maio de 1968, nas barricadas de Paris: “Sejam realistas, peçam o impossível.” Eu, hoje, na condição de uma mulher sexagenária, permito-me por vezes ser tomada pelo desânimo, mas ainda estou aqui a esperar por um mundo melhor e faço coro com Eunice Paiva e Fernanda Torres²: “Vamos sorrir”. “A vida presta!”.

Para finalizar, trago um poema da escritora-poeta Cris Lisbôa³:

Mulher.

Substantivo feminino, feminista.

Fêmea da espécie humana, nome de furacões, e bruxas, presidentas e astronautas, físicas e poetas.

Ser terráqueo que tem enlouquecida anatomia: corações nos olhos, ouvidos na pele, estrelas no céu da boca, uma língua que fala o que sente.

Quando a lua se movimenta, suas águas dançam.

E ela chora os mares e as cachoeiras que lavam a alma do mundo.

É capaz de levantar paredes, desabar medos, balançar estruturas, comandar revoluções. E dançar. No Carnaval, nas convenções, nos mais profundos abismos da alma.

REFERÊNCIAS

1. Cotta M. Omissão do Estado e privilégio do homem condenam mulher a viver para cuidar [Internet]. Portal Geledés; 2025 Mar 10 [citado 2025 Mar 11]. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/omissao-do-estado-e-privilegio-do-homem-condenam-mulher-a-viver-para-cuidar/>
2. Ainda estou aqui. Salles W, diretor. Rio de Janeiro: VideoFilmes, Conspiração Filmes, RT Features, Arte France Cinéma, MACT Productions; 2024. 2h15min.
3. Lisbôa C. Meu lugar preferido sou eu. É que demorei um pouquinho para me encontrar. 2025 Mar 8 [Instagram]. Disponível em: https://www.instagram.com/a_crislisboa/. Acesso em: 2025 Mar 8.